

RUI DE NORONHA OZORIO

MAR SUBVERSO

FRESCA

RUI DE NORONHA OZORIO

MAR SUBVERSO

FRESCA

Dedico este Mar à minha querida avó, aos meus pais, ao Diogo, ao Bruno
e à loucura da imaginação que se cruza,
sem pedir, com as nossas noites

Ama como a estrada começa
Mário Cesariny

1.

Hoje

atesta-me um ar vazio no corpo

que me deixa dobrado

ao frio

sem roupa que me consiga aquecer

Respiro devagar

e conformo

os meus nomes ao destino

Vou sereno

e com os olhos vermelhos e arranhados

2.

atiram-se foguetes ao ar e o mar de
rosas
explode na boca das águas
nasce um vulto entre nós
um espectro cheio de sede
e a cidade bebe descaradamente à flor
da pele
todas as baladas outrora cantadas
à chuva

corpos transeuntes insistem em fazer
cair objectos
estranhos dentro
dos copos
não é vinho não
nem o sangue de cristo
nem a placenta intacta da virgem
tornada nuvem

é um limbo de vento a soprar
estilhaçado
quando as garras dos tigres procuram
o centro do peito
escondido claro atrás das pernas dos
outros

sentam-se na margem de um parque
destinado a bicicletas
(transporte de almas nocturnas)

dois
poetas
a chorar

choram de rir essa tristeza
que os mascara
depois deitam-se na cama de um quarto
arrendado
ao diabo e pagam com sémen
alguns favores que escreveram na
memória

dormem e constroem poemas de betão
armado
outros de cobre e absinto

mais tarde quando coagula o azul
tremendo
ficam a olhar as estrelas e penduram
algumas
no estendal da primavera
adormecem com os pássaros
nas mãos
mordendo os lábios do poema ao lado

3.

de súbito o leão entrou
pela janela da sala com três asas
de fogo
e um susto fez-se ouvir do outro lado
da cidade

os vidros que se rasgaram a meio
caíram
aquosos no chão provocando
uma inundação tremenda no último
andar
e é aqui que entram as vizinhas

as vizinhas do último andar

vivem em quartos separados mas
partilham
algum sol dentro da mesma cama
de longe a longe como manda a
concordata

descem as escadas molhadas até ao
pescoço
e desatam a gritar versos de amor
autêntico
daqueles versos capazes
de fazer chorar os automóveis

e o leão comovido decide comer

uma delas
deixando a outra perdida no rés do chão
à procura de uma porta
para ir à florista comprar anões
uma coroa
de anões azulada
sorridente estática mas com vida
lá dentro

a sorte foi não ter encontrado a porta
e apenas lhe terem chegado às mãos os
seios
de uma estátua belle époque
que a transformou de imediato numa cadeira
de receber visitas
com renovação do contrato em gaveta
de roupa interior

- era de fraca imaginação a estátua
e tinha um colar de relâmpagos
incendiados
sobre os ombros

quem não gostava de néon
era o leão e descaradamente
abandonou
o local e partiu
para a selva
com sonetos no estômago

4.

As estações têm caminhos
de ferro
Rompem montanhas com os braços
esticados à linha
conquistam os cheiros
das cidades perfumadas de adeus

e correm lágrimas nas caras
dos pássaros mais bonitos
que acenam as asas em todas
as despedidas

Entram e saem comboios
cápsulas de transporte rápido
de pessoas e bens
Departamentos animados
tubos de ensaio mais reservados
sacos de gente alegre

com galos em falsete
todos unidos
por anéis de ferro revestidos
a pele

Depois são os painéis
tão ricos de azul e todos os dias
um barco rabelo
embala no rio toneladas de vinho
generoso

e sonhos embriagados
enquanto uma leiteira segura um filho
nos braços

que chora a olhar o sol
todas as canções que o mar compôs